



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

BRASILIA, 25 DE AGOSTO DE 1959

NO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA MAISON DE FRANCE, EM QUE FUNCIONARÁ A EMBAIXADA DA FRANÇA.

628 Aqui vim para presidir à cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Casa da Cultura, que a França, representada pelo meu ilustre amigo, o embaixador Bernard Hardion, oferece à cidade de Brasília, em poucos meses nova capital do país. Tornando ainda mais forte o cunho de amizade franco-brasileira desta festa, acha-se presente o ministro de Estado André Malraux, enviado do presidente da República Francesa, cujo nome legendário — general Charles De Gaulle — pronuncio com emoção, nesta véspera de metrópole, que já se ergue sôbre o Brasil de amanhã, em testemunho do dinamismo de nossa civilização.

629 Em obediência a certas regras, talvez não me coubesse aludir ao ministro André Malraux senão em sua qualidade de membro do governo francês. Seria, contudo, recusar, a êste significativo ato de hoje, a alta importância que lhe atribuo, não salientar o valor da presença de um homem cuja obra é um dos depoimentos mais dramáticos sôbre o mundo moderno, espelhando suas violências e sua procura de grandeza, lançando uma mensagem que ainda será ouvida quando o silêncio tiver baixado sôbre tantos acontecimentos e personalidades do nosso tempo.

Sei bem que “a cultura não se herda, mas se conquista”, como ensinou o próprio autor da *Condição humana*, que hoje temos a alegria de acolher. Recorde-se que a palavra *cultura* encontra sua etimologia nos trabalhos campestres. É indispensável a gestação no seio de cada terra e o processamento, em tôdas as suas conseqüências, do trabalho obscuro e fundamental da cultura, para que os frutos, os homens e as pátrias resultem autênticos, verdadeiros e vivos. Mas não há cultura sem que haja sementes. A semente é definidora, determina a espécie. Das circunstâncias e disposições naturais, das condições da terra e do tempo é que dependerá a qualidade do fruto. Estamos agora a depositar uma semente, esta Casa da Cultura, êste dom da França ao novo Brasil.

630

A França tem como alto destino produzir o grão mais rico em possibilidades latentes para o processo de conquista de cultura. O Brasil é um país novo e guarda fidelidade às sementes jogadas para germinarem em nossa terra. A afirmação de que “a cultura se conquista” significa que, na hora da colheita, deve verificar-se o aparecimento de algo de preciso e individuado, que se incorpora à nossa personalidade e não é repetição, nem imitação de outrem. A incultura é que gera imitação, contrafação, falta de autenticidade. Se um voto me é dado pronunciar, neste local antes deserto, hoje coração do Brasil futuro; se me é lícita uma expressão solene do que mais desejo para meu país, ouvi-me então: que o Brasil se conserve sempre autêntico, enraizado cada vez mais em suas características mais firmes, elaborando a sua cultura, colhendo os resultados dêsse processo natural em que a terra se apropria da semente e dela faz nascer o fruto, e o torna original e inconfundível.

631

O gesto delicado da França, que define e traduz a constante preocupação dêsse país pelos problemas do espírito, dá ensejo a algumas considerações, que me

632

parecem adequadas à relevância dêste ato, a esta manifestação de uma política de cordialidade e entendimento. Nações latinas das mais populosas, nossas afinidades, profundas, provêm de uma raiz comum, de uma só concepção de vida, que nenhuma distração do mundo moderno é bastante para apagar ou destruir. Liga-nos uma identidade de objetivos, assentada numa causa que é da França e que é nossa também: a da defesa da dignidade do homem. Defender o homem, favorecer o reerguimento da condição humana — e o ministro Malraux bem sabe o que isso representa — eis o que inspira nossa política e constitui nossa aspiração. Não sujeitar o homem a qualquer espécie de constrangimento contrário à lei ou à consciência; não permitir que seja transformado em instrumento, nem mesmo em virtude de convicções ideológicas ou pela tirania de suas próprias criações técnicas; em suma, impor o homem como medida das coisas — eis as constantes da cultura e da orientação espiritual de que a França se conservou paladina e fatora no mundo contemporâneo.

633 De nossa parte, e da maneira por que nos foi dado fazê-lo, seguimos sempre essa linha de sentimento e de ação, que podemos definir como a do primado do humano. Tôdas as nossas lutas tenderam a estabelecer em nosso país as condições para que a sociedade aqui formada se constituísse de seres livres e não de autômatos. Evitamos os fanatismos, contivemos os fascinadores da opinião pública, encontramos, ao longo de nossa História, meios de solver os mais graves problemas sem nos afastarmos das diretrizes de uma cultura humana. Assim foi mesmo antes de nosso amadurecimento intelectual. Espontaneamente, por vocação, por disposição de alma, inclinamo-nos para a cultura, sem que a pudéssemos ainda formular ou dar-lhe características e precisões nítidas. Como nação culta, encerramos a fase colonial; como nação culta, fundamos

o império brasileiro; como nação culta, renunciámos ao trabalho servil, operando pacificamente essa profunda transformação da estrutura económico-social, através de um movimento libertador nascido e triunfante entre os próprios dominadores; como nação culta, transformamo-nos em uma democracia racial, numa comunidade em que os homens de tôdas as origens vivem fraternalmente, sem discriminações; e tudo isso, fizemo-lo em obediência à inclinação natural, à própria índole do povo brasileiro.

A luta pelo desenvolvimento, idéia informadora da atual política interna e externa do Brasil, é uma luta em defesa da cultura, tem por objetivo a salvaguarda dos nossos mais altos valores humanos. Não nos atiramos a esta extraordinária jornada de crescimento económico, se não guiados pelas mesmas inspirações que fizeram de nós um país livre, onde todos são iguais, não só perante a lei, mas em nome do respeito que a todo homem deve merecer o seu semelhante. Graças à cultura que conquistamos por experiência própria, sabemos que nos incumbe modelar em termos de grandeza êste país, numeroso em seus aspectos e geográficamente um dos maiores do mundo. Para atingirmos o grau de cultura a que aspiramos, temos de tornar fecundas tôdas as regiões do nosso imenso território, cuja sorte é desigual neste momento. Não temos outra alternativa. Há somente um destino para nós e êste nos obriga — com os nossos oito milhões e meio de quilômetros quadrados e imensas riquezas naturais — a seguir uma vocação de grande país.

634

As nações elaboram a sua cultura possuindo-se a si mesmas, tirando todo o rendimento do que são e do que podem vir a ser. Não é outro o processo, não é outra a ação da cultura no espírito, que integra o ser no seu próprio conhecimento, conferindo-lhe o domínio de tôdas as possibilidades recebidas em dom natural. O fim da cultura, repito, é o fruto; e o fruto é a posse,

635

a plenitude, o desenvolvimento harmonioso. A cultura desvenda, revela, configura, empresta consciência a tudo o que existe e necessita expandir-se. A obra de Brasília — para a qual a França traz a contribuição de sua cultura — é uma manifestação da civilização brasileira. Civilização e cultura exprimem coisas diferentes. A abertura de uma estrada, a retificação de um rio, a construção de uma grande cidade, a industrialização de um país, a melhoria da qualidade do trabalho agrícola são obras de civilização e não de culturas. Mas é certo que, onde não há cultura, não pode haver civilização. As realizações civilizadoras, quando ordenadas para um fim preciso, emanam da cultura, dela decorrem. O Brasil é um país que acelera a sua História e se vê obrigado a recuperar a distância que o separa dos povos de maior desenvolvimento industrial. É um país que carece de interpretação, que deve ser situado não apenas como deseja ser, mas como forçosamente deve ser. Um crescimento demográfico dinâmico e a multiplicação, por assim dizer, cotidiana, dos problemas, tornam tarefa extremamente difícil, quase heróica, a de dirigir esta Nação. Necessitamos de que os países, de princípios coincidentes com os nossos na concepção da vida, nas tendências culturais, no sentido civilizador e humano, colaborem conosco, participem do nosso esforço, caminhem ao nosso lado, dando-nos a contribuição inestimável de sua experiência, e fornecendo-nos os elementos inconquistáveis pelo esforço autônomo.

636

Neste momento, penso precisamente no que significa, na luta pelo desenvolvimento, a reintegração em sua plenitude dos países do ocidente europeu. Considero, mais que uma esperança, um acontecimento que a Europa não apenas se tenha reconstruído, mas dinamizado as suas economias; não apenas se tenha recuperado das amarguras e do empobrecimento do último conflito mundial, mas crescido, avançado, reconquistado, multiplicado suas forças. Essa realidade é alta-

mente confortadora para nós, os povos da América Latina. No que se refere ao Brasil, vemos despontar uma era nova, de efetiva colaboração, de volta às origens dêste Novo Mundo. A Europa deixou de ser uma fonte sêca — como se afigurava logo após a guerra — tendo recommçado a fluir a sua linfa criadora, num milagre que não atribuímos exclusivamente a fatôres materiais, mas que consideramos sobretudo como confirmação da fôrça de espírito, da preponderância da cultura.

Ao aludir à renovação da Europa, não posso deixar de referir-me ao rejuvenescimento da França. A Pátria antiga não envelheceu. Mesmo à distância, sente-se que um vento de mocidade sacode, renova e vivifica a grande Nação, marcada por provações cruéis, mas também por glórias, alegrias e ressurreições seguidamente repetidas através de sua História. Nunca, sôbre um só país, se acumularam tantos perigos. Acompanhamos todos os passos da Nação francesa; seguimos a sua crise; vivemos a sua agonia; participamos das suas primeiras esperanças, pois a ela nos sentimos ligados por vínculos indestrutíveis, que durarão enquanto formos nós mesmos. Eis por que nos é extremamente grato reconhecer e proclamar que a nossa França não foi apenas História, grande e bela no passado, mas é sempre uma presença jovem, uma afirmação vital de nossos dias, um povo que retoma sua missão no mundo, e sua inigualável irradiação espiritual.

637

Há tóda uma nova política por inaugurar com os países europeus. Muito temos a dar e muito a receber, no âmbito dessa política de fecundas conseqüências para a causa ocidental que defendemos. Para o Brasil, a importância e envergadura dessa nova fase de entendimento com a Europa estarão na dependência do contingente de compreensão, entendimento, inteligência e cultura que nela pusermos. Trata-se de um entendimento que poderá ser altamente benéfico. Cremos no ressurgimento da Europa, na penetração do seu espírito,

638

na sua renovação técnica. Reclamamos, para a nossa revolução do desenvolvimento, êsse conteúdo cultural, essa alma que o Ocidente insufla em tôdas as obras materiais da civilização. O lúcido nacionalismo brasileiro, que reivindica soluções nacionais para os nossos problemas, muito espera de uma ampla cooperação com os países que saíram milagrosamente renovados da maior tempestade que se abateu sôbre o mundo moderno.

639 É com grande emoção que, numa festa da França em nossa Capital do porvir, me vali da oportunidade de fazer essas considerações, síntese do firme desejo brasileiro de caminhar ombro-a-ombro com as nações européias e com essa França perenemente jovem, porque se funda na antiguidade, tal como os campos da Beauce, milenários e imemorialmente cultivados, mas cujos trigais nos parecem sempre mais vigorosos e jovens.